

Espaço Borda

Maria Lucia Homem

Resumo:

O texto busca discutir o conceito

de sujeito a partir do espaço dito intersubjetivo enfocando sua estrutura e constituição. A reflexão nos leva à conceituação de um topos híbrido, onde se verifica a impossibilidade de uma delimitação clara e inequívoca entre subjetividade e alteridade, consistindo, assim, categorias do “entre”, num espaço-borda.

Palavras-chave:

Subjetividade, alteridade, massificação, topologia, psicanálise

Abstract:

The paper aims to discuss the

subject concept from the intersubjective space focusing on its structure and constitution. The reflexion lead us to an hybrid topos conceptualization, where it is verified the impossibility of a clear and unequivocal delimitation between subjectivity and alterity, therefore consisting of “between” categories in a border space.

Key-words:

Subjectivity, alterity, massification, topology, psychoanalysis

O visível engana. Sabe-se disso há tempos. E, ao menos há um par de séculos, tiramos conseqüências desse aprendizado. Constituiu-se a ciência moderna: pudemos reformular concepções sobre a estrutura, forma, posição e movimento de inúmeros aglomerados de partículas, desde a bile, negra, até o sistema, lácteo, que abriga o planeta, passando pelas chaves genômicas do vivo e pelos circuitos neuronais eletroquímicos da rede. Adentra-se nas frequências infra, ultra, trans que animam a matéria e, acelerando ou recuando elementos atômicos, persegue-se um desenho cada vez mais acurado do real. As ciências ditas duras já desacreditaram da retina e vêm criando novos e cada vez mais potentes “olhos” para podermos realizar um dos grandes prazeres e uma das grandes necessidades do humano: ver. E, assim, conhecer.

No entanto, a matriz do “visível” ainda alimenta um equívoco. Por termos corpos separados no espaço acreditamos que, seguindo o paradigma da materialidade, e a correlata noção de impenetrabilidade dos corpos da física clássica, somos uma porção subjetiva indivisível: o indivíduo. Supomos ter (ou ser) uma subjetividade própria, diversa da do outro, singular. E que, quando entramos em relação com esse outro, há estabelecimento de funções – concordância ou conflito, pouco importa – entre essas duas entidades distintas. Cremos que o eu e o outro são duas categorias, dois entes, cada qual com sua história de vida, personalidade, consciência e desejo. Creio-me, enfim, único e individual, como se o limite da subjetividade seguisse o contorno da pele.

Abrem-se, aqui, problemas: essa unidade individual veio a se revelar não de todo consciente, nem racional e, mais, não unitária. Isto tanto em sua própria estrutura - e aqui a importância da sistematização freudiana de um aparelho psíquico que se funda tanto além da consciência como além do Eu (pesquisa que foi o trabalho de uma vida intelectualmente intensa, construindo suas duas ‘tópicas mentais’) – quanto em relação às funções que se estabelecem na relação entre sujeito e outro. O primeiro ponto é extensamente debatido e estudado, tanto pela psicanálise quanto pelas humanidades afins, pois implica uma fundamental alteração na concepção de indivíduo que se estabilizara na Modernidade. Este texto visa levantar a discussão sobre a segunda via, concernente ao espaço psíquico no “entre sujeitos”, problematizando a idéia de subjetividade privada.

Como a relação entre humanos é usualmente concebida? A partir da premissa da individualidade, vejo-me como “um” que estabelece conexões com o “outro”. Concedo que, em determinadas oportunidades, impactantes e passionais, envolto na química do embate, posso perder momentaneamente o mapa do meu território e me confundir com esse outro. Ocorreria alguma reação em cadeia e, aí, acato perder meus contornos, antes tão seguros. O eu tenderia, então, a um de dois largos campos: identifico-me ou estranho.

Identificação é irmã da paixão, a face radical: o salto de imersão no Outro, vivido como tendo ou sendo algo muito visceral do Eu, misturamento mágico que nos faria Um. O Um é a grande meta de qualquer encontro, a ilusão de um apagamento dos limites que me faz “parte” de um Todo maior. A totalidade é sempre sedutora, qualquer que seja ela, da grande religião do ínfimo humano com o infinito existente cósmico à qualquer concepção de um sistema total, apaziguador e garantidor de uma verdadeira decifração do real. Me entregarei ao amor, beberei o meu deus e servirei meu grande império. Essas três figuras da paixão de misturamento – a amorosa, a religiosa, a política – revelam mapeamentos mais radicais da almejada junção eu-outro. E o outro “eleito”, objeto escolhido para ocupar esse lugar do completante, é, inevitavelmente, a fim de sustentar esse lugar, alvo da projeção do Ideal. Outro que é

lançado com sua sombra gigantesca sobre o apequenado eu, na angústia de um desamparo estrutural. Fecha-se, assim, o circuito retroalimentado de projeção do eu envolto em seus ideais.

O estranhamento é filho da mesma paixão. A diferença é que ele revela sua face invertida, como se o eu recebesse do outro algo de muito desconhecido, mas não-neutro: traço que me causa incômodo, desarranjo, inquietação. “O que está pegando?” Captura. Porção do ser projetada no fora e devolvida de maneira quase sempre sentida como abrupta. Ou simbolizo e reconheço, digerindo o meu mais íntimo vindo de fora no jogo infundável de in e ex (êxtimo lacaniano), ou estranho, cuspo e jogo fora. Lógica eliminatória a mais arcaica tornada possível às custas de processos primários fantasísticos, na dança infinda de projeções, alucinações, introjeções.

Ocorre que apaixonamento e estranhamento não são exceções onde eu e outro se vêem misturados. Antes, revelam a estrutura de misturamento constitutivo do Eu com o “entre” zona de tingimento de alteridade que talvez para sempre lhe acompanhe. Macro-movimento de junção



Dali - Casal com as cabeças de nuvens, 1936



Eduardo Longo

e macro-movimento de distanciamento: dois vetores, extremos. Entre eles, misturas de cinza que montam o filme, matéria de todas as cenas. Qualquer encontro entre subjetividades se dá com pathos, tendo sinal positivo, do sim, negativo, do anti-, ou a grande força do não-querer-saber: amor, ódio, ignorância, três grandes paixões. Em todas elas, a mistura eu-outro, sabida ou não, em diferentes porções. Inelutável, automática. Inconsciente – isto é, fora de previsão e controle, fora da transparência. Em toda relação entre sujeitos, portanto, instaura-se o espaço ambíguo, híbrido, constitutivamente equívoco do que bordeja.

Se assim é, então não há, a rigor, nem “eu” nem “outro”, uma vez que a função do eu se dá nesse território “entre”, da borda, o que implica uma concepção subjetiva ampliada e a impossibilidade de contornos definíveis.

E como se chegou aí? Desde sempre a fronteira fluida? A noção de eu para o sujeito humano não é algo natural ou instintivo, já dado a priori, mas uma construção. Ocorre um processo de formação do Eu, que se faz inevitavelmente a partir do Outro, através de identificações com o não-eu, pólo de ancoragem dos vários processos identificatórios. E isso se dá desde coisas muito básicas - como sorrir, mexer a cabeça para significar sim ou não, compreender o sentido de inúmeros sons em determinada língua – até coisas mais intrincadas, como estilo de se vestir ou se comportar, formação do juízo estético, inclinação ou não para um sistema de pensamento específico, imersão em religiões, políticas, filosofias - um repertório de possibilidades. Assim, é a Alteridade, em toda a sua inesgotável complexidade, psíquica, social, histórica,

que serve de molde para a constituição da subjetividade: de forma mais radical na infância e na adolescência, onde se é alvo de inúmeros modelos identificatórios, tanto consciente quanto inconscientemente e também onde se buscam ativamente esses modelos; e de forma contínua ao longo da vida, em que a cada instante em que se conversa com alguém, se vê televisão, uma capa de revista, um outdoor as matrizes identificantes se movem. Ou seja, as caras e os contornos do ser vão se delineando sem cessar, num processo praticamente infinito, a nos aprisionar por toda a existência.

Nesse fazer-se, há um jogo de forças por vezes sutil, por vezes explícito, entre o novo e o velho, o que se revela como desconhecido para o sujeito ou o que é incorporado como elemento familiar. Em última instância, trata-se de saber, do ponto de vista do eu, o que faz ou não parte de si, alimentando um contínuo processo de reconhecimento daquilo com o que entramos em contato: o possível novo, eu o reconheço, aceito como próprio, ou estranho, antígeno a ser combatido. Na maior parte do tempo e das pessoas, se age como se fosse preciso se defender daquilo que não é conhecido, do que é novo e, portanto, passível de carregar consigo o perigo. Assim, há um núcleo extremamente conservador no eu, apesar do processo identificatório nunca estar concluído. Cada um buscaria agir como se já se conhecesse e conhecesse o mundo ao redor, como se já

fosse um ser estável no conforto do lar do já sabido. Essa tendência 'conservadora', de manutenção do *status quo*, revela o mecanismo de pregnância de algumas identificações, que podem se manter por muito tempo, ancorando o eu numa posição em que ele se esforça em não ser nada muito distante de uma cópia quase idêntica daquele a quem ama, idealiza e tem como ícone iluminado.

A cultura eletrônica de massa da atualidade explicita, em ritmo acelerado e num fiel padrão de repetição, essas estruturas. Massificação que revela uma outra dicotomia que perpassa a relação com a alteridade: a eterna balança entre a minoria e a maioria. O eu vivencia o conflito entre o espelhamento na margem da dominância - a necessidade de seguir a massa e buscar o reconhecimento no olhar do outro - e a tentativa de se destacar do grupo e buscar a singularidade, maneira idealmente única de existir. Ambos os pólos em questão são imaginários: impossível um ser totalmente à parte do mundo em que veio à tona, assim como impossível um sujeito absolutamente colado no outro, plenamente idêntico a quem quer que seja. No entanto, vivemos nessa oscilação constante, como se estivéssemos em uma gangorra que nunca parece achar seu ponto de equilíbrio. Em algum momento o anseio é ser 'igual a todo mundo', e no momento seguinte vem à tona a inclinação oposta, a de se destacar da massa e justamente não cair no que se supõe a banalidade dos signos majoritários que circulam pela mídia. Como se se precisasse negar o escravismo do elemento dito 'da moda', que norteia o objeto que carrego, o cabelo que carrego, o seio que meu corpo carrega. Ou seja: a linha moda-ideal dita os objetos aos quais o ser e o corpo se fixam, nos quais o sujeito supõe ser. E, como em qualquer ditado, constrói a representação de realidade que redundando na prática da ação, passando a equacionar os pactos sociais e, portanto, as próprias instituições. Aquelas ultra-modernas, shoppings, academias para o corpo, salões de beleza, também do corpo, canais da tv que agregam meu ser para queimar sua energia e seu tempo circular.

O eu inevitavelmente se coloca sob transferência, de forma inconsciente transferindo porções de si sobre o fora, ao mesmo tempo que recebendo, introjetando signos do real em sua roda

giratória e moedora de sentido. Esse mesmo movimento na sutil e quase telepática comunicação entre subjetividades, convida o outro a uma determinada posição - esta e não outra. Ou seja, também o Outro não "é", mas está sob determinada luz, sendo interpretado e, mais do que isso, atuando a partir dos convites e proposições deixados pelo Eu. Estabelece-se assim, uma dialética recíproca entre subjetividade e alteridade em que ambos os pólos se determinam mutuamente, tal qual partículas subatômicas e seu observador, num conhecimento apenas probabilístico do lugar. Nem o Sujeito nem o Outro detém uma subjetividade estável, não "são", desenrolando-se num quase caótico vir-a-ser, determinados pela história de cada componente em interação e também pelo momento e pela intensidade do encontro. É essa instabilidade das partes em jogo na relação que forma a região de sombra que constitui a borda, território de indistinção entre terra e mar, litoral ambíguo e no entanto formativo, que constitui.

Dessa forma, o próprio conceito de sujeito se subverte e, de certa forma, se amplia. Precisamente falando, se o sujeito nunca pode ser tomado somente como o 'si-mesmo', seu ser extrapola não somente seu corpo e sua imagem, mas mesmo sua psique antes pensada como individual, espécie de subjetividade que se revelava da idéia de sujeito indivisível. Se seus contornos se revelam fluidos, tem-se uma aura psíquica, não mística, de fato inabarcável, não delimitável. Enfim, o Eu, de certa perspectiva, não existe, assim como o Outro. Ele sempre é em função de uma alteridade.

Enfim, situamo-nos mais propriamente em um campo - subjetivo - Eu espelhado no proposto pelo Outro que me forja, seja ele tendo ganho feitio nos ícones da cultura de massa, nos meus pais ou no mais próprio de mim que nem mesmo sei a origem. Espaço nem propriamente privado nem

legisladamente público, é um território das margens que já se tornam indistinguíveis, espaço borda. A linha-pele do contorno revela-se um limite ilusório tanto em termos psíquicos quanto simbólicos. Ela se trança com o outro na ampla borda e borda. Ela borda um bordado inevitavelmente confundido, porém tessitura, relação. O que nos leva a colocar em xeque a noção de essência de uma unidade estável e privada. O eu não existe, pois, a significação pulsante e simbólica está sempre na fenda entre o além de si e aquém do outro, fundando um território que, se pudermos nos desligar da matriz imagética e corpórea que vêm delimitando o humano como uno, se revelará mais amplo e complexo do que o que estamos habituados a conceber.

Referências Bibliográficas

As idéias aqui alinhavadas são tributárias mais diretamente de alguns conceitos e autores: as tópicas psíquicas freudianas e sua reflexão sobre o Unheimlich, o conceito de litoral em Lacan, o estudo da formação de um pensamento propriamente psicológico, por Luís Cláudio Figueiredo, as conexões entre topologia e psicanálise e as considerações sobre a liquidez da modernidade por Baumann.

BAUMANN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FIGUEIREDO, L.C. *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação*. São Paulo: Educ/Escuta, 1992.

FREUD, S. "Inquiétante étrangeté". *Essais de psychanalyse appliquée*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. "Le moi et le ça". *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981.

GRANON-LAFONT, J. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

LACAN, J. "Lituraterre". *Littérature*. Paris: Larousse, n.3, p. 10, 1971.

_____. *Le Séminaire*. Livre XX. Encore. Paris: Seuil, 1975.

Maria Lucia Homem

Professora de Psicologia na FACOM-FAAP. Também é psicanalista e professora na PUC/SP. Participação em Leitores e leituras de Clarice Lispector (Hedra, 2004), Estranhas Travessias (Edifício, 2004), entre outros.